



UMA SENHORA CHIM PASSEANDO.

CARACTERES MORAES E PHYSICOS DOS CHINS.

O Dr. Morrison, que tinha perfeito conhecimento da China, avaliando os habitantes deste imperio, assim se exprime. — «Na China ha muito que reprovar, mas tambem ha alguma cousa que aprender: alli a instrucção moral tem primeiro logar que a physica; por consequencia a industria, tranquillidade e contentamento se diffundem, e prevalecem no geral da população. O imperador, não obstante o seu poder absoluto, sempre diligencia mostrar que os seus procedimentos se fundam em razão e benignidade. O povo pelos seus habitos é mais facil em acceder á razão do que inclinado a recorrer a violencias: as feições mais vantajosas do seu caracter são a brandura e docilidade, a industria, as propensões pacificas, a subordinação, e o respeito aos pais e pessoas mais velhas, nascendo esta ultima virtude do principio fundamental do governo chim: mas estas boas qualidades são acompanhadas pelos vicios da falta de sinceridade e da perfidia, com todas as suas más consequencias, assim como da mutua des-

confiança e da inveja. A mentira e a fraude, sendo o refugio dos fracos e timidos, sempre foram reputadas entre nós por vicios infames; porem os chins em nenhum tempo ligaram o mesmo sentido á decepção, quando praticada com um europeu. Com tudo isso será cousa desarrasoada tirar para o caracter de toda a nação inferencias do aspecto desfavoravel, que appresenta em Cantão, porto maritimo e commerciante: com effeito é objecto para admirar que os chins nesta cidade não sejam ainda peores do que os achâmos: porque bem conhecem a maxima do seu governo, que professa *tratar com os barbaros* [como a nós elles nos chamam] *como se foram animaes brutos*; e as auctoridades locais dão o exemplo de praticar com os estrangeiros como com uma casta vil de individuos.» —

Nos caracteres physicos os chins são reconhecida-mente superiores a outros muitos povos asiaticos: posto que vinculados por sangue com os mongoes, e parecendo-se no todo das feições, são estas mais brandas nos chins que nos outros; na grossura dos beiços approximam-se aos negros, ainda que não em ter-

mos iguaes, nem tem esta feição tão proeminente; o nariz é achatado e as ventas largas, mas não tanto como nos africanos; tem o mesmo cabello corredo, preto e lustroso, que os indios do norte da America, e a mesma obliquidade d'olhos, e sobranças voltadas para cima e da parte exterior, e igualmente são pouco barbados, ou para melhor dizer apenas possuem uns pêlos raros pelo rosto. Na pequenez das mãos e pés, e dos ossos do corpo, comparados aos europeus, assemelham-se á generalidade dos asiaticos.

A estampa representa uma senhora chim na acção de passear. — Pelas palavras = *China, Cantão, e Macáu* poderá o leitor ir buscar nos indices dos volumes deste jornal muitas noticias e particularidades acerca desse grande imperio asiatico.

A ROSA BRANCA.

(Fragmento.)

VII.

Já da noite fatal as grossas trévas
Delgadas se tornavam,
Já dos montes d'alem, titans soberbos
Os cimos alvejavam,
E a negra tempestade em fuga posta
Os restos seus rojando,
Uivava ainda, tigre esfomeado
De longe ameaçando.
Ao bulcão da tormenta succedêra
A matutina aragem
Que, sorrindo na selva, murmurava
Pela fresca ramagem,
E a Natureza inteira despertando
Alegre e folgasaã
Sacudia o seu manto de vapôres
Ao albor da manhaã,
E o mar, rolando a espaços um gemido,
Na vaga inda fremente
Pouco a pouco cedia ao seu Deus grande
Qual servo obediente;
Despindo as iras más nas rochas ermas,
Já quasi que tentava
Depôr de sancta paz osculo sancto
Que brando lhe mandava.
O véu negro da tumida procella
Cahira já desfeito,
Cessára o pelejar dos elementos
Lutando peito a peito.
Já, em fim, polo oiteiro da hermidinha
De verduras c'roado
Luziam como uns raios de Sol novo
N'horizonte encravado:

E toda a creatura começava
Seu hymno ao Creador,
Era a hora suave em que no mundo
Respira tudo amor.

VIII.

Da encosta a flor abria
O seio púdico ao beijar do orvalho,
A vida renascia,
Era principio de geral trabalho.
Na selva e no rochedo
Murmurios d'existencia começavam,

Da noite os olhos meigos
Do céu nas solidões já se apagavam,
E as sombras rarejando
O campo á fresca luz iam largando.

Á voz da criação
Desperto o mundo ao somno seu fugia,
Reflexo purpurino
Dos céus altos a face lhe incendia.
Em rosto de donzella
Não fôra, não, tão linda a côr do pejo
Quando amante arrojado
Lhe desse trémulo o primeiro beijo.
O Empyreo vendo abrir-se-lhe
E em puro gôso o coração fundir-se-lhe,
Não fôra, não, tão linda
Como a facha de rosas estendida
Lá no largo horisonte,
Iris d'amor, esp'ranças de outra vida.
Do val no meigo arroio
Sombras descommunes da selva umbrosa
Tremebundas fugiam
Polo remanso d'agua perguigoso,
Fingindo alli pintadas
Outra selva e outras arvores sonhadas.

IX.

Da vida os mil rumores
Incertos accordavam,
E ao campo morto ha pouco
Alentos já tornavam.

As sombras melancholicas
Ao longe iam fugindo,
Ternuras entornando,
Saudades sacudindo.

De canticos recentes,
De canticos extinctos
Concertos mil nasciam
Já vagos, já distinctos.

Incertas melodias
Apenas esboçadas,
Cortando os mansos ares
Aos céus eram levadas.

De quanto Deus creára,
De quanto a Deus sorria,
No espaço o aroma puro
Nadando rescendia.

Inteira a Natureza
De gallas se adornava: —
Nem sempre alegres côres,
Nem sempre côr d'escrava. —

Nos seios joias límpidas
Aonde o sol brincava,
Na fronte verdes c'roas
Onde outro sol folgava.

E polo oiteiro abaixo
Escorregava o dia,
Tapete d'alvas flores
A terra lhe cubria.

Lançara-as no chão negro
Da tempestade o vento —
Extrema despedida,
Ou candido lamento.

Às horas que Deus leva
Lembrança derradeira,
Ou do porvir ás horas
A saudação primeira —

Lançára-as o bulcão
Raivando furibundo,
E agora o rei da luz
Alli cavava fundo.

.

E cada flor cahida
No solo abandonado,
Aos raios do sol novo
Brilhar ind'era dado.

Brilhai, brilhai, ó flores
Que rides entre os ais,
Brilhai — passado um dia
Não brincareis já mais.

Quando outra vez a noite
Vier a visitar-vos,
Quando outra vez o sol
Vier meigo affagar-vos,

Achar-vos-hão já seccas
Ó flores sem abrigo,
Achar-vos-hão já mortas
Ao pé do tronco amigo;

E quando o pastor bronco,
Da bronca serrania,
Buscar do valle as sombras
Á hora do meio dia,

Os tristes restos vossos
Sem dó vos calcará,
E nem que alli vivestes
Passando lembrará,

E ávante hade ir, d'enlevo
Nos rudes seus amores,
Sem dar-vos um só ai
Ó minhas pobres flores,

E nem dirá ao menos
Lá dentro d'alma dura: —
«Aqui vos deixo um pranto
Ó flores sem ventura.

.

Se alguém alheios males
Regar c'os prantos seus,
Se alguém do mundo longe
Viver comsigo e Deus,

Nas horas solitarias
Ess'hade recordar-vos,
E breve campasinha
No peito alevantar-vos.

Had'ir carpindo triste
Furores do bulcão,
Já quando nem lembrades,
Chorar sobre esse chão.

Tambem, ó tão mesquinhas,
Tereis vosso cantor,
Tambem chorada morte
Terá d'um dia a flor.

X.

E *ella* estava no cimo do rochedo
Estatua como d'antes;
A boca descerrada, as mãos pendidas,
E os olhos gotejantes.
Por entre o louco rir na face immovel
O pranto lhe corria,
Gelado pola nevoa d'alvorada
Que a misera escondia.
No templo do Senhor orar par'cia
Em sonho angelical:
Eram-lhe as vagas susurrar d'amores,
E a rocha pedestal.

.
Chorai, anjos do céu, almas da terra,
Chorai vós que existis.
Amor que lhe deu vida, amor tornou-a,
Ai — Deus! — tão infeliz.
Oh! triste, triste quem a busca anciosa,
Quem o leite lhe deu,
Quem sobre o seio infante pequenina
O rosto lhe aqueceu.
Ai! não, não poderá hoje aquecel-a,
Não, seus beijos ardentes
Já não farão tremer aquellas faces
Tão puras e innocentes.
E os prantos amorosos, já sem echo,
N'aquelles olhos frios,
Não farão polas veias circular-lhe
Suaves arripios.

XI.

Oh! que dôr! — Ao luzir a madrugada,
Sem mais volver-lhe o siso,
Sem mais um ai soltar . . . soltava um nome
Por entre o pranto e o riso!

XII.

Ah! que nome sería o que mandado
Por alma, que escondêra tanto fogo
Em centro limitado,
Dos labios fugitivo apoz rojára
Inteira uma existencia ardendo em febre
Que subito gellára?

XIII.

C'ó primeiro e mais puro de seus raios
O sol, de pouco nado,
Deu-lhe um beijo d'amor . . . era o primeiro . . .
Homens chorai-lhe o fado! . . .

.
Sem ancia, nem turpor, nem brado extremo
Fugirá-lh'alma assim
Aos seraphins do Throno do Deus vivo
Crescêra um seraphim.

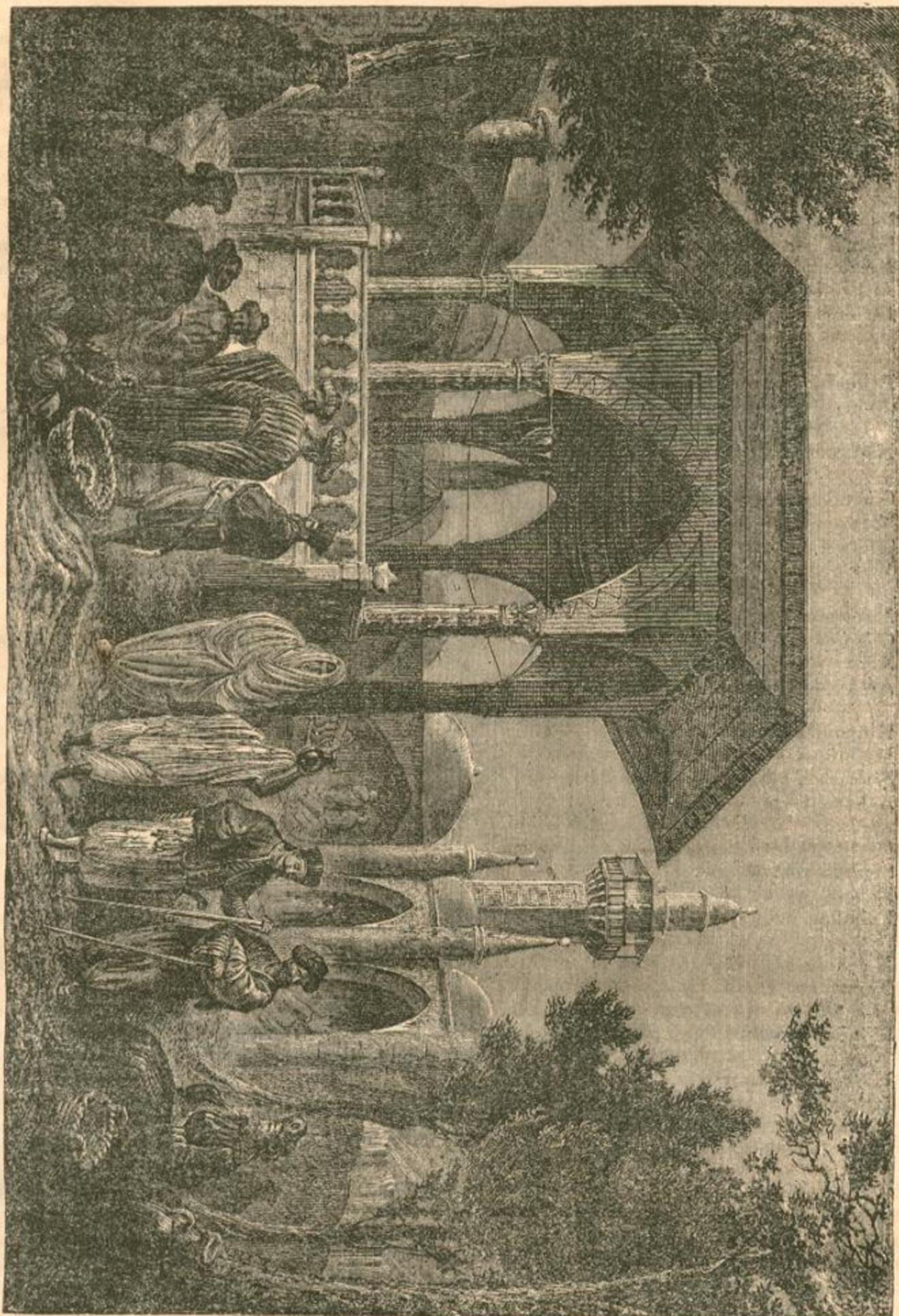
.
Cá no mundo infeliz adormecendo
Chorava de saudade,
E fôra, despertando lá na gloria,
Sorrir á Eternidade!

XIV.

Ditoso o bardo . . . s'encontrar podesse
Quem tamanha paixão n'alma tivesse!

(S. L. — J.)

BAZAR EM JAFFA.



A MODERNA Jaffa, situada na costa da Syria, é a antiquissima Joppe das Sagradas Escripturas, e com este segundo nome a appellidam os nossos escriptores portuguezes. É o porto que de ordinario frequentam os christãos do occidente que visitam a Palestina ou Terra-Sancta. Ao Sr. De Lamartine recorreremos para dar alguma noticia della. — Plinio falla desta povoação como de uma cidade antediluviana. Aqui, segundo as tradições fôra Andrômeda amarrada ao rochedo e exposta ao monstro marinho; foi neste local que o patriarcha Noé construiu a arca: aqui desembarcavam os cedros do Libano, por ordem de

Salomão, para servirem na edificação do templo de Jerusalem. Jonas propheta aqui embarcou, pelos annos 862 antes de Christo. Em Joppe, S. Pedro resuscitou Tabitha: S. Luiz a fortificou em tempo das cruzadas: em 1799 Buonaparte a tomou d'assalto e fez passar á espada os prisioneiros turcos. Tem um mau porto apenas para pequenas embarcações, e uma enseada mui perigosa. A população calcula-se em cinco a seis mil almas, entre arabes, turcos, armenios, gregos, catholicos e maronitas: cada uma destas communhões religiosas tem sua igreja: o convento latino é magnifico, e a respeito delle ex-

prime-se assim o illustre viajante: — « Ainda o estavam aformoseando quando nós passámos; mas não experimentámos a hospitalidade destes religiosos: os seus vastos aposentos nem se abriram para nós, nem para estrangeiro algum dos que encontrámos em Jaffa: permanecem desertos, ao passo que os peregrinos trabalhosamente buscam o abrigo de algum mesquinho *kan* turco, ou a hospitalidade onerosa da pobre casa de algum habitante judeu ou armenio. » —

« Avisinhamo-nos a Jaffa, e a cidade começava a surgir ao diante de nós sobre a collina, que entra pelo mar. Faz uma vista encantadora para quem a demanda pelo lado do deserto. A baixa da cidade é banhada ao poente pelo mar, que alli desenrola de contínuo immensas vagas espumantes por cima de cachópos, que formam o recinto do porto; da parte do norte, por onde nós vinhamos, é cercada de jardins deliciosos, que parece que sahem do deserto, como por magica, para coroar e dar sombra á esplanada das muralhas: faz-se o caminho por baixo da abobada alta e odorifera d'uma selva de palmeiras, de romeiras floridas, de cedros maritimos com suas folhas arrendadas, de figueiras, de limoeiros e laranjeiras, tamanhas como as nogueiras da Europa, e vergando com o pezo das flores e fructos: o ar é um aroma que anda levantado e espargido pela brisa do mar, o chão todo está alvejante com as flores de laranja, que o vento varre como em nossa terra as folhas seccas do outono: de distancia a distancia fontes de construcção turca e de mosaico, feito com marmores de varias côres, onde ha taças de cobre presas por cadéas, offerecem agua limpida ao passageiro, e sempre estão rodeadas d'um bando de mulheres, que lavam os pés ou extrahem agua em urnas de fórma antiquada. A cidade alça os brancos curuchéus, os terrados guarnecidos de ameias, as sacadas com seus arcos diagonaes á mourisca, do centro daquelle oceano d'arvoredo balsamico, e como que se despega, ao oriente, do fundo branco de arêa, que prolonga, immediatamente por detraz della, o immenso deserto, que a separa do Egypto. » —

« É impossivel, [prosegue mais adiante o mesmo A.] descrever a novidade e magnificencia de vegetação, que se patentea nos dois lados da estrada de Jaffa para Ramla (1) ao sahir da primeira. Da direita e da esquerda é tudo um bosque variado de quantas arvores fructíferas, de quantos arbustos florentes ha no Oriente; essa floresta, dividida em talhões por sebes de murtas, jasmineiros e romeiras, é regada por fios d'agua que se deslizam das formosas fontes á turca de que já fallei: em cada um destes cerrados se vê um caramanchão aberto ou uma tenda, a cuja sombra as familias, que os possuem, vem passar algumas semanas na primavera ou no outono: tres estacas de pau e uma pouca de lona arranjam uma casa de campo para estas felizes familias: as mulheres dormem em cima de esteiras ou de coxins dentro da barraca, e os homens ao ar descoberto debaixo das arvores (2). Os meloeiros, melancieiras,

(1) É a Arimathéa do Novo Testamento.

(2) Para que se ajuize da brandura do clima, citaremos o que diz o escriptor a que nos temos referido. — « O ar tem sempre a quentura dos nossos mais formosos dias de primavera: os quartos não tem janellas, porque com tal temperatura eram superfluas; uma ruim gelozia é o unico anteparo para resguardar do ardor do sol. As avesinhas do céu tomam seu quinhão das moradas que o homem fabricou para si; e na sala de M. Damiani (o vice-consul de França) pousavam nas prateleiras, que ha ao redor da casa, muitas andorinhas pequenas de colar vermelho, ao pé das porçolanas da China, das taças de prata e tubos de cachimbos, que guarnecem a cimalha: giravam ellas em todo o dia por cima das nossas cabeças, e até vinham á hora da ceia pendurar-se nas vergas de cobre do candieiro ou lustre, que nos alumiaava á comida.

e as figueiras de trinta e duas especies (3) que sombream estes magicos sitios, dão fornecimento ás mezas, a que simplesmente accrescentam de longe a longe um cordeiro, creado pelas creanças da casa, e que é sacrificado, como nos tempos da Biblia, em dias solemnes. Jaffa é o local de todo o Oriente, que o amante da natureza e da solidão deveria escolher para passar o inverno. O clima é a transição mais indecisa entre os desertos devoradores no Egypto e as chuvas da costa da Syria no outono. Se me fosse livre escolher residencia, habitaria as faldas do Libano, Saide, Beiruth ou Latakíe na primavera e outono; as alturas do Libano em quanto duram os calores do estio, porque são refrescadas pelos ventos mareiros, pela viração que corre do val dos cedros e pela proximidade das neves; e para o inverno escolheria os jardins de Jaffa. Não sei o que tem esta cidade, na sua atmospheria e terreno, tão grandioso, solemne e picturesco, que sobrepuja outras paizagens que visitei. Aqui descança a vista no mar sem limites, azul como o firmamento que o cobre; e tambem nos vastos areas do deserto egypcio, onde só de tempo a tempo quebra a linha do horisonte o perfil de um camello, que vem progredindo, como a ondulação de uma vaga serena do mar; ou a entrecortam as copas verde-amarelladas dos innumeraveis pomares que se apinham ao pé da cidade. Todos os trajos dos moradores ou dos viajantes, que no movimento dão alma ás estradas, são picturescos ou extraordinarios. Ora vemos os beduinos de Jerichó ou de Tiberiade, revestidos d'um amplo retalho de laã branca, ora os armenios com suas vestimentas compridas, rajadas de branco e azul; aqui topámos com judeus de toda a parte do globo e com os diversos vestuarios que se usam pelo mundo, individuos tão sómente caracterizados pelas barbas compridas e pelo magestoso das feições; povo-rei, mal habituado á sua escravidão, em cujo olhar se descobre a esperança de grandes destinos.; acolá nos apparecem soldados egypcios com seus fardamentos vermelhos. . . conhece-se que o genio e actividade de um *grande homem* (4) os animam e impellem para um fim que lhes é desconhecido: finalmente vão passando orgulhosamente agás turcos, montados em cavallos do deserto e com a comitiva de arabes e escravos pretos; divisam-se por outra parte pobres familias de peregrinos gregos, assentadas ao canto d'alguma encrusilhada, comendo sem escudelas de pau o arroz ou a cevada, cosidos, e que vão poupando até chegarem á cidade sancta: tambem se encontram miseraveis mulheres judias, meio-vestidas e carregadas com o enorme peso de um sacco de trapos, guiando ou para melhor dizer empurrando uns burrinhos com os ceirões cheios de creanças. » — N'um paiz fertil repetem-se as scenas de muitas miserias; mas onde é que a opulencia e a commodidade da vida social não divisa todas essas lastimas? . . Com tudo mais felizes seriam os palestinos, se o seu governo fosse pródigo e beneficente; se em vez de os entregarem á rapacidade de um pachá, os

(3) Servem-se, ao que parece, de algumas castas de plantas de melões e melancias, que se apegam com seus gavinhos, para revestir caramachões, ou para as fazer trepar pelas arvores, como nós empregámos algumas especies de aboboras e cabaceiras.

(4) Allude provavelmente a Mehemet-Ali, o civilizador do Egypto: quanto porem dista ainda este paiz, outrora berço das artes e sciencias, da verdadeira civilização, o testemunham as noticias, que nos offerecem quotidianamente os jornaes politicos. Comtudo, se confrontarmos as relações de viajantes mais antigos com as dos mais recentes, notaremos pasmosa differença.

considerassem como subditos e ramo integrante de um estado, que poderia prosperar na rasão dos seus recursos, tendo sido governado por intelligencias mais cultivadas, e segundo uma politica mais generosa.

O bazar (5), representado na gravura, é um edificio menos oriental e mais gothico do que são em geral estes grandes mercados turcos. Nelle vendem tapetes e vestidos os negociantes mais ricos; e alguns da classe inferior occupam seu logar com fazendas menos custosas: á entrada fazem sentinella dois turcos com seus compridos bastões; acha-se alli proximo um mercador de melancias, que pelas maneiras e fato contrasta grandemente com a postura e aspecto dos guardas; e duas mulheres, tão rebuçadas em amplas capas brancas que mal descobrem os olhos, nariz e boca, parecem os fantasmas d'alguma visão nocturna: uma dellas leva uma bilha á cabeça á moda do oriente; a outra, que dá mostras de senhora grave, vem ver as fazendas e talvez compra-las.

PEDRO NUNES.

De ti, philosophia, ávido amante
Meigos olhos lançou tambem ao Tejo,
.....
.....
E que dissera se encontrára Nunes?
Astros, astros do céu, prendeu-vos este,
E o subtil instrumento ao nauta entrega,
Ao nauta portuguez, senhor dos mares.
Newton. — Poema de J. A. de Macedo.

A LITTERATURA portugueza, tão despresada na Europa até o fim do derradeiro seculo, pelo escago conhecimento que della tinham ainda os mais eruditos, comparava-a certo escriptor estranho a uma ilha incognita da qual os navegantes só conheciam as costas, ignorando as preciosidades que encerrava. E na verdade, o que haverá na repartição das letras e das sciencias em que o engenho portuguez não tenha feito maiores ou menores progressos? — Se depois das epochas mais gloriosas da monarchia diminuíra em brilho a nossa litteratura, essa calamidade devemos-la á oppressão em que nos teve a usurpação castelhana durante a qual fenecia o genio na rasão da quebra de poder que soffriamos nas quatro partes do mundo. Se os estrangeiros mal informados e os que não o sendo a elles se alliam para deprimir-nos, percorressem com attenção e clareza de entendimento os nossos annaes litterarios, mormente depois do reinado de D. João 2.^o até a invasão dos Filippes, achariam que Portugal florescia em engenhos de superior quilate, quando o resto da Europa, exceptuando a Italia, jazia sepultado nos abysmos da ignorancia. Quem se não indignará ao vêr um estranho atrevido chamar papel rabiscado ás Decadas de João de Barros; e a outro não menos temerario pertender censurar os Lusíadas sem ao menos entender a formosa lingua em que escreveu Camões? — É assim que se falla das Decadas de tão insigne historiador, das quaes e das do seu continuador Diogo do Couto receberam os estrangeiros as primeiras luzes da Asia, guiando-se por ellas nas suas descripções desta região!

Posto que o fixar a primeira epocha da poesia portugueza não seja empreza muito facil, pôde todavia conjecturar-se que as musas começaram entre

nós as suas inspirações logo no principio da monarchia; isto é, no seculo 12.^o, como bem o mostram os fragmentos poeticos que desses tempos ainda nos restam. É só o norte quem a este respeito nos leva vantagem, pois que já no seculo 10.^o appresentaram os seus bardos algumas composições poeticas, como a satyra do islandez Hjatte escripta em 994 ácerca de Odino e Freja; a saga de Olof Tryggvason, que se finára na era de 1000, e as obras de Einar Skulenson, composições que são tidas como os primeiros partos da poesia da Europa, e septentrional. Quem se não convencerá, lendo Vasco de Lobeira e o terno e melancholico Bernardim Ribeiro, de que a litteratura romantica a cultivámos nós desde remotas era? — Quem não vê em Ferreira o poeta illustre, que depois de Trissino deu á luz, na sua *Castro*, a segunda tragedia regular dos modernos, e no *Cioso* a primeira *comedia de character*? — Admirador zeloso de Horacio, e talvez que por vezes seu imitador, elle despertou na sua patria o gosto classico, dando regras para todo o genero de poesia com a severa rigidez de um legislador. Ferreira compoz a sua tragedia sabendo apenas do theatro o que os antigos haviam ensinado, pois que da Sophonisba, então quasi desconhecida fóra da Italia, poucos preceitos colheria elle para o seu intento: foi poeta eminentemente nacional, de claro juizo, e critica, devendo-lhe a lingua portugueza parte das suas galas e formosuras: e

Que cousas não diria deste genio
Creado pelas musas, que quizeram
Dar-lhe um rico espirito, em que se unisse
Engenho, alta doutrina, estudo, e arte,
Solidez, correcção, decoro, e siso,
Pensar sublime, honrados sentimentos,
Pura dicção, estylo proprio e grave,
Fecunda rima de mil sons prendada;
E o que ainda é mais, raro, fino gosto,
Tacto subtil do bom, do nobre, e bello.
Elpino Duriense. — Tom. 1.^o

Camões, o primeiro poeta das Hespanhas, e que segundo a expressão de Montesquieu faz lembrar em seus versos a sublimidade de Homero, e a magnificencia da Eneida, tambem é uma prova incontestavel de que precedemos muitas nações da Europa no gosto e conhecimento da boa litteratura e poesia. Quando Luiz de Camões escreveu o seu immortal Lusíadas, não existia um só poema epico, escripto em alguma das linguas do meio-dia da Europa, que podesse servir-lhe de norma. Trissino fóra mal succedido na sua empreza de cantar a Italia libertada dos godos; diferentes versejadores castelhanos haviam intitulado poemas epicos historias rimadas de acontecimentos contemporaneos, que não souberam ornar com as galas da poesia; Ariosto dera um brilhante colorido ás suas fabulas de cavallaria, mas nunca tentou escrever uua epopea: e, finalmente, Torcato Tasso só publicou a sua *Jerusalem* em 1530, um anno depois da morte de Camões. Foi portanto desajudado dos soccorros da poesia moderna, sem poder achar preceitos e modelos senão nos gregos e latinos, que elle conseguiu dar á Europa um poema, que, sendo no juizo dos mais abalisados criticos uma das poucas epopeas antigas e modernas, que merecem esse nome, dá eterna fama ao

Sublime cantor, que sobre as azas
Do sagrado poema leva aos astros
O Gama illustre, e a Lusitana empreza
Dos gangeticos mares.

(5) O que são os bazares, especialmente os de Constantinopola, veja-se a pag. 246 do 3.^o vol.

Não fallaremos na prioridade das nossas navegações, nem nas viagens que os portuguezes fizeram desde os tempos do claro infante D. Henrique até os d'elrei D. Manuel, que essas façanhas, excitando a admiração do genero humano, immortalisaram o nome portuguez, e o dos seus argonautas. Taes expedições, que abrindo á Europa as portas d'um mundo desconhecido deram largos subsidios ás sciencias, ás artes, e ao commercio, só podiam ser apprehendidas por quem, como os portuguezes, possuia um genio brilhante, e talhado para grandes feitos, e tambem conhecimentos de astronomia e geographia talvez superiores aos dos povos contemporaneos. — Que elles tratavam desde longe estas sciencias bem o mostram a existencia no seculo 15.^o do celebre mappa do infante D. Pedro, regedor do reino na minoridade de D. Affonso 5.^o, e de que parece se servira seu irmão o infante D. Henrique para os seus descobrimentos maritimos; bem como a do outro não menos celebre, que fôra do cartorio d'Alcobaça, feito no mesmo seculo, ambos notaveis pelas singulares demarcações que traziam do Cabo de Boa-Esperança, e da terra do Novo-Mundo antes das navegações de Bartholomeu Dias, e Christovão Colombo. Da escola de Sagres, creada pelo genio do grande Henrique, quantos homens illustres não passaram a *mares nunca dantos navegados*, por ordem do eximio príncipe, para quem

Era o mundo, que a Europa conheceu,
Pequeno espago ao generoso peito:
Sólta as azas do genio, longe vóa,
 Presente haver mais mundos.
Tu ó Tercenabal o viste um dia
Co' sagaz instrumento que inventára, (1)
Desde a torre que alçou aos céus visinhos
 Medir a esphera e os astros.
D'alli quantos segredos proveitosos,
Desde a origem do mundo recatados,
Descubriu aos mortaes? Quantos arcanos
 Da celeste Urania?
Co' a vasta idéa, que a natura abrange
Do orbe inteiro, talha a empreza augusta
De abrir novos limites do universo
 Em tréva escura envoltos.
Seu immortal compasso a róta marca
Que hade correr a cortadora prôa;
A bussola polar outra energia
 Adquire e o curso rege.
Da sabia mão novo astrolabio, novo
Demonstrador nocturno á luz da estrella,
Novo tridente, que subjogue os mares,
 Recebe o luso nauta.

(5) O erudito Antonio Ribeiro dos Santos, auctor desta ode, n'uma curiosa memoria sobre alguns mathematicos portuguezes, inserta no 7.^o tomo das memorias de litteratura da academia parece attribuir ao infante D. Henrique, ou á sua escola de Sagres, a invenção, ou pelo menos o aperfeiçoamento do astrolabio; porem o sabio Stockler, seguindo talvez a opinião de João de Barros (Decada 1.^a L.^o 4.^o cap. 2.^o) dá, no *ensaio historico sobre a origem e progresso das mathematicas em Portugal*, as honras de tão insigne invento ao alemão Martim de Bohemia, ajudado dos dois portuguezes, mestres Rodrigo e José, medicos de profissão e membros da junta de mathematicos, creada por elrei D. João 2.^o para promover o adiantamento da navegação. — Este é tambem o parecer de Sebastião Francisco Mendo Trigoso, na excelente memoria sobre Martim de Bohemia, transcripta no tomo 8.^o das referidas memorias. Não sabemos que motivos tivera presentes tão profundo e erudito indagador como o conselheiro Ribeiro dos Santos, para dissentir daquellas opiniões, que são igualmente as dos auctores do Dictionario de *Marinha e da Eucyclopedia Methodica*.

Eis accendes, Henrique, a facha ardente,
Claro farol de Sagres, que alumia
Esse esquadrão de heroes que se abalança
 A undívagos caminhos
Nunca abertos té então: que entre os horrores
Da solidão das ondas, das procellas
Sem medo rasga pélagos immensos,
 Varias nações descobre.
Sem ti inda hoje a Europa não soubera
Os novos céus e mares, novos climas,
Novas gentes de vario gesto e lingua
 Que outro hemispherio parte.
Assim do alto lycéu da illustre Sagres
A marinha sciencia nasce ao orbe,
E a esphera alarga ás nauticas derrotas
 O novo Deus dos mares.
D'alli, d'alli raiaram novas luzes,
Brilhantes mais que o lume das estrellas,
Que guiaram depois a novos mundos
 Colom e o illustre Gama.

Do que levámos dito, e de muitos outros factos e argumentos que poderamos adduzir, se conclue naturalmente que não só aos portuguezes devem muito a litteratura e as sciencias, como que no conhecimento d'alguns dos seus ramos precederam elles a maior parte das nações da Europa; — e é para dar maior força e evidencia ás nossas asserções que vamos fallar de um homem que nas sciencias exactas e physicas fôra dos maiores engenhos do seu tempo, cabendo do seu alto merecimento grande quinhão de honra ao paiz aonde nascêra.

Pedro Nunes foi natural da villa d'Alcaçer do Sal. Ignorámos quem fossem seus pais e a era do seu nascimento; e posto que Nicolau Antonio, na *Biblioteca hispanica*, Bailly e outros a assignaram no anno de 1492, não damos comtudo o facto por averiguado, visto que tanto na Bibliotheca lusitana, como em outras obras portuguezas, que a tal respeito consultámos, nada achámos que esclareçam este ponto. — Havendo concluido os estudos da infancia passou Pedro Nunes para os da universidade, então estabelecida em Lisboa, aonde estudou as linguas, philosophia e medicina, recebendo o grau de doutor nesta ultima faculdade. — Fervorosamente dedicado aos estudos, e desejando travar relações com os sabios estrangeiros d'aquelle tempo, partiu para a universidade de Salamanca com o intuito de acrescentar com maior somma de doutrina o grande cabedal de seus conhecimentos mathematicos. O seu nome, que já soava com summo credito dentro e fóra de Portugal, começou a ser apontado como um dos que deveriam ornar a lista dos mestres da universidade; — pelo que elrei D. João 3.^o o mandou voltar ao reino a fim de o prover n'uma das cadeiras da mesma universidade. Em 6 de Novembro de 1529, sendo apenas bacharel, foi nomeado cosmographo mór do reino, e em 1530 lente de philosophia da universidade de Lisboa aonde leu um curso d'artes nos tres annos que se seguiram, passando na trasladação da universidade para Coimbra a reger a cadeira de mathematica novamente alli creada, e de que teve Provisão a 16 d'Outubro de 1544, occupando-a até 1562 em que foi jubilado por carta de 4 de Fevereiro do mesmo anno.

Da vida deste illustre portuguez nada mais consta senão que fôra casado com Isabel Tavares, de quem teve descendencia, como se deprehende do *alvará de lembrança* datado a 21 d'Outubro de 1557 da mercê d'um officio no reino para a pessoa que houvesse de casar com uma de suas filhas: — que fôra mestre do infante D. Luiz, em cuja casa servira

desde 1538 na qualidade de moço da sua camara, acrescentado em 1545 a escudeiro, e em 1555 a cavalleiro com as competentes moradias; — e que contára em o numero dos seus discipulos o infante D. Henrique, depois cardeal e rei; o illustre D. João de Castro e elrei D. Sebastião, de quem se diz que ouvia com grande respeito as lições de Pedro Nunes, honrando-o com algumas mercês, e confirmando-lhe outras feitas pelos seus antecessores. A epocha da morte de Pedro Nunes é tão incerta como a do seu nascimento, sendo na verdade reprehensivel a incuria que fez perder a memoria do jazigo de tão douto e insigne varão. O já citado Nicolau Antonio, Bayle, e outros, assentam o seu fallecimento no anno de 1577 aos 85 annos d'idade; mas o P.^o Francisco de Santa Maria diz no *Anno Historico* que aquelle successo tivera logar a 29 d'Agosto de 1615, contando Pedro Nunes 73 annos. Em que documentos fundaram aquelles escriptores opiniões tão encontradas, é o que ignoramos. — Estamos comtudo persuadidos de que nada ha averiguado a similhante respeito, pois não podemos suppor que escriptores estrangeiros tivessem sobre este ponto mais criterio, nem fontes mais puras a que recorressem, do que os eruditos Stockler e Antonio Ribeiro dos Santos, que todavia nenhuma luz lhes foi possivel lançar sobre tão duvidoso ponto historico.

São em grande numero as obras latinas e portuguezas escriptas pelo nosso insigne geometra, tanto ácerca de geographia, como sobre mathematica. — Em 1537 publicou elle o Tractado da sphaera com a theoria do sol e da lua, dedicado ao infante D. Luiz seu discipulo, — E ho primeiro livro da geographia de Claudio Ptolomeu Alexandrino. Tirados novamente do latim em linguagem polo Doutor Pero Nunes, *Cosmographo Del Rei Dom João*, ho terceiro deste nome, nosso senhor. E acrescentados com muitas annotações, e figuras per que mais facilmente se podem entender. —

Depois do tractado da esphaera, em que Pedro Nunes mostrou os vastissimos conhecimentos que, tanto quanto era dado áquella epocha, possuia na materia, vem a theoria do sol e da lua, tirada do latim em linguagem por ho Doctor Pero Nunes. — Nesta obra, que contem o fundamento de toda a geographia de Ptolomeu, emmenda o nosso compatriota alguns erros que aquelle sabio commettêra nas demonstrações mathematicas, ainda mesmo em relação aos conhecimentos que desta sciencia e do globo terrestre então havia.

(Continuar-se-ha.)

UTILIDADE DAS ARVORES FLORESTAES.

EM tudo o que vemos e observâmos na natureza achâmos evidentes provas da sabedoria e bondade de Deus. E aonde as ha em maior numero do que nos bosques? Que outro objecto productivo exige do homem menor trabalho e despeza?

Em geral, dá-se mais valor ás arvores que produzem fructos saborosos, do que ás arvores florestaes. Nós, porem, sem negar-mos áquellas o valor que realmente teem, sempre diremos que, rigorosamente fallando, encontrâmos nestas mais subido mérito. — O uso que fazemos dos productos dos bosques, e os fins para que elles quasi exclusivamente servem, são infinitos. Poderão contestar-nos que grande parte de taes usos são de méro e puro luxo: — não ha duvida que assim é pelo que diz respeito a ornatos de jardins e quintas de recreio; mas em quanto aos demais objectos são elles da maior importancia e

quasi inteiramente indispensaveis. Na construcção de um edificio não póde prescindir-se da madeira, e em muitos outros casos é tambem essencialmente indispensavel esta producção das florestas. — Que infeliz situação seria a nossa se nos vissemos sem meios de edificar habitações, que nos abrigassem da inclemencia e rigor dos elementos? Quão frageis e incommodas seriam as casas feitas de tijolo e pedra, se não houvesse madeira que as tornasse fortes e accadas?

Não é só considerada debaixo d'este aspecto que a madeira é mui util e necessaria: — ainda depois de edificadas as casas são immensos os objectos que sem ella não poderiam concluir-se; e obras ha em que não é possivel substituir a madeira por nenhuma outra materia de construcção. — Por muito deliciosos que sejam os pomares, o principal mérito das arvores que os compõem, não consiste no grato sabor dos fructos que dão, mas em causas mui diversas.

Bastante poderamos dizer sobre a utilidade das arvores florestaes, e ácerca das suas muitas e variadas applicações: porem limitar-nos-hemos a lembrar que não existindo estas não haveria navios, e que sem estes não teriamos navegação! — Que mais carecemos dizer em abono das nossas observações? Alem de quanto se acha expellido, ainda nos resta fallar de um dos maiores beneficios que das arvores florestaes resultam: — referimo-nos ao uso da lenha para aquecer e preparar a comida. O carvão, que tanto gasto tem em Inglaterra, é quasi inteiramente desconhecido em muitos paizes da Europa, talvez por não poder a sua quantidade satisfazer a todas as precisões. A esta falta que affligiria extremamente muitos povos acodem as arvores florestaes com summo interesse, sem o qual a frígida estação invernososa nos tiraria toda a energia e consolação, pondo termo á nossa existencia com uma morte de horror e agonia. Foi, por tanto, com a mais sabia e paternal sollicitude que o Creador Omnipotente ornou uma grande parte do globo que habitâmos com extensos e apraziveis arvoredos que nos fornecem meios de preparar o sustento quotidiano. Sem bosques muitas das nações hoje prósperas e felizes não passariam de miseraveis tribus de barbaros, cujos males haviam sentir-se sem que ninguem podesse minorá-los.

A perpetua propagação das arvores é uma das mais convenientes provas da benevolencia e sabedoria de Deus. Toda a industria do homem não acharia meios de supprir as necessidades que as arvores florestaes remedeam sem o menor trabalho do mesmo homem. Esta estimavel producção, assim como muitas outras que vemos, desenvolvem claramente o grande plano da natureza, e mostram até á evidencia que o universo se acha constituido com summa perfeição e sabedoria.

Fôra mister possuir muita leviandade e ignorancia para nos não curvarmos ante a admiravel previdencia da Divindade, observando que a menor pedrinha, ou arbusto dos que a cada passo encontrâmos, falla poderosa e eloquentemente das suas maravilhas e perfeições. — O homem é o ente mais rebelde em proclamar o poder, sabedoria, e bondade de Deus: — todos os outros testificam que Elle é sabio, bom e justiceiro. Ora pois, permittam-nos que não marchemos na retaguarda da creação: — permittam-nos que exaltemos e bendigamos com esta o seu poderoso e divino auctor.

Se parecer desejas o que és, falla;
Se parecer não queres o que és, calla.

P. d'Andrade Caminha.